

O PANORAMA.

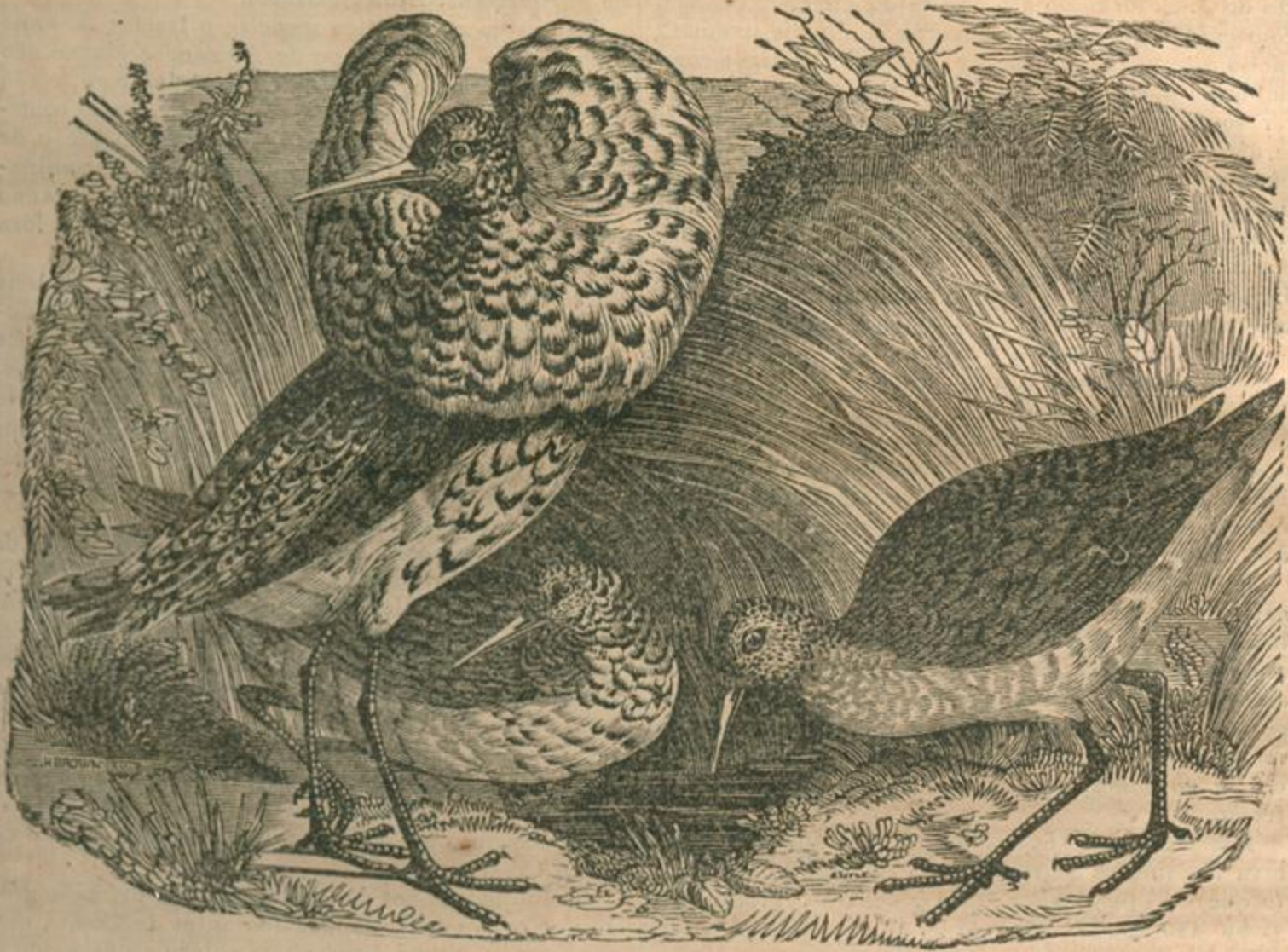
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

83)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (DEZEMBRO 1, 1838)



OS MAÇARICOS BRIGOSOS DO NORTE.

(*Tringa Pugnax.*)

Os FRANCEZES deram a estas aves a denominação de *combattants*, combatentes ou guerreadores, por causa da contínua pel-ja em que andam entre si. A possessã das fêmeas, a pesquisa dos vermes de que se alimentam, a escolha do sitio para aninharem ou para pousarem; tudo lhes dá motivo para incessantes combates. Apesar porém desta inclinação bellicosa, na epocha de suas emigrações viajam aos bandos; mas logo que descansam no chão recomeça a peleja. Estas aves de arribação vem do norte, e chegam ás costas de França pelo mez de Abril; porém os bandos mais numerosos preferem a Graã-Bretanha ao continente; e ahí são muito estimados como caça boa de comer. Especuladores inglezes tiram partido deste capricho da opulencia; e fazem ampla provisão destes *maçaricos brigosos* tomados á rede, para os venderem aos comilões ricos, depois de os terem cevado. É de notar que estes passaros inquietos domam-se, e amoldam-se a viver domesticamente, nutrindo-se d'alimentos diversos dos seus habituaes, isto é de pão, farinaceos cosidos &c., e com isto engordam muitissimo. Todavia os que os criam teem a precaução de os conservar separados, porque reunidos a comida é origem de desavenças e bicadas a cada momento: um logar mais commodo que outro, uma fevera d'herva, qualquer objecto emfim da cobiça de um excita logo

a de todos, e o combate vem a ser geral. É preciso portanto não os ter junctos para que nutram bem. — Outrora foram os tordos objecto de especulações analogas para as mesas sumptuosas dos antigos romanos.

Os maçaricos brigosos teem mais outra particularidade notavel; e vem a ser que os machos na primavera se revestem com uma juba espessa de pennas diversamente dispostas, e coloridas, á roda do pescoço. Os caçadores affirmam que por este tempo é quasi impossivel achar dois machos, que se pareçam exactamente na qualidade, gradação, e distribuição das côres. No resto do anno, tanto os machos como as fêmeas, são d'um cinzento malhado de pardo. Attribue-se este ornato a uma superabundancia de vida, que se manifesta nestas aves em aquella estação, não só por esta plumagem ephemera, mas por grande numero de exercencias carnosas ou papillas, que lhes cobrem a cabeça e o pescoço.

CHRONOLOGIA.

IV.

REFERIDA a maneira porque se chegou a ordenar, depois de muitas variações e incertezas o anno gre-

goriano, e explicada a sua forma, temos nelle uma medida ou termo de comparação para darmos noticia dos annos civis de varios povos antigos e modernos, e determinarmos a sua duração comparativa. Começaremos pelo anno das republicas gregas, chamado anno atheniense.

Foi este introduzido na Grecia por Solon, e talvez tomado de algum povo da Asia, 594 annos antes de J. C. O anno atheniense ou attico era lunar, começava no solsticio do inverno, e dividia-se em 12 mezes alternados, um de 29, outro de 30 dias: compunha-se portanto de 354 dias. Quando, com o correr dos tempos, os gregos perceberam que o anno se ia atrazando successivamente 11 dias ao curso do sol, lembraram-se de um meio extravagante para fazer desaparecer esta differença. De dois em dois annos intercalarem um 13.^o mez de 22 dias. A dois annos sommados, ou ao cyclo, [*] chamavam *Diétéris*. Compunha-se este cyclo de 730 dias, somma igual a dois annos solares, desprezando as fracções.

Brevemente, porém, perceberam que a differença entre o anno solar, e o seu anno civil era, não de 11 dias, mas de 11 dias e mais a quarta parte de outro: esta observação fez com que ajunctassem, todos os 4 annos, um 23.^o dia ao seu mez intercalar. Ao cyclo de 4 annos ficaram chamando *setraétéris*: este se compunha de 1461 dias, e, portanto, era igual a 4 annos julianos, sendo um delles bissexto.

Este modo de intercalar ainda levou novas mudanças. Para não haver mezes de 22 e de 23 dias, dobraram-se os *tetraétéris*, e adoptou-se o cyclo d'oito annos, *octaétéris*, no qual, em cada 3.^o, 5.^o e 8.^o anno se intercalou um mez de 30 dias. Accresceram, porém, novas difficuldades, e por consequencia novas mudanças. Dahi se formou o *hexkaidé kaétéris* ou cyclo de 16 annos, que tambem successivamente se alterou.

Em todos estes cyclos o anno em que se intercalava um mez se chamava anno *embolímico* [de *embo-lo* que vem de *emballô*, deitar dentro]. Meton, que viveu 430 annos antes de J. C. fez uma alteração notavel no calendario grego, fazendo começar o anno no solsticio do Verão, como antes de Solon se usava em Athenas.

Fallam os auctores de tres correcções feitas no calendario attico pelo mesmo Meton, por Calippo, 320 annos antes de J. C., e em fim por Hipparco, dois seculos depois, isto é; 100 annos antes da Era christã; mas estas alterações, que importam á astronomia, nada influem na chronologia.

Os gregos não conheciam a semana de sete dias. Cada mez era dividido em tres décadas. O primeiro dia do mez chamava-se *o da lua nova*; os nove seguintes eram designados com as denominações de 2.^o, 3.^o, 4.^o dia &c. do *mez que principia*: os 9 primeiros da 2.^a década chamavam-se 1.^o, 2.^o, 3.^o dia &c. do *meio do mez*, ou depois da *decadi*. Na 3.^a década contava-se de dois modos diversos; ou se chamava aos nove primeiros dias 1.^o, 2.^o, 3.^o depois do *vigessimo*, e ao decimo se chamava *trigessimo do mez*, ou então [e isto era o mais vulgar] contava-se de diante para traz, de modo que o dia 21 se chamava *dez do mez decrescente*, se o mez era de trinta dias, e assim por diante até o ultimo do mez, que se designava pela denominação de *velho e novo*, para indicar que pertencia ao mez findo, e ao que começava.

Os gregos, ou pelo menos os athenienses principiavam o dia civil ao pôr do sol, e dividiam-no em dōze horas eguaes, marcadas por um quadrante.

Como os mezes gregos se não regulavam pelo cur-

(*) Chamava-se *cyclo* a uma serie de certo numero de annos, acabados os quaes se começava a contar de novo.

so do sol, mas pelas phases da lua, e como, assim, começavam ora mais cedo, ora mais tarde, foi necessario regular pelos pontos cardeaes, e pelo apparecimento de taes ou taes estrellas os preceitos d'agricultura, os regulamentos sanitarios, e emfim, tudo o que dependia das estações. Eram os astrónomos quem observava esses phenomenos, e os redigia em forma de folhinhas de porta, a que davam o nome de *parapégmas*, isto é, cartazes.

Depois do anno attico segue-se o tractar do anno *macedonico*. Até o tempo de Alexandre Magno não differia o anno dos macedonios do anno grego, senão em principiar no equinoxio do outono, como começava o atheniense desde o tempo de Solon até o de Meton; mas os seus mezes tinham outras denominações. Alexandre ordenou que d'alli avante o anno macedonico principiasse no mez que até então foi o ultimo.

Quando depois da morte deste principe, os seus generaes fundaram novos estados na Asia, introduziram nelles o calendario macedonico, e d'elle se fez uso, pelo menos nos actos publicos, o que não embargo aos povos asiaticos, sujeitos ao dominio de principes de origem grega, de se servirem das formas antigas dos seus respectivos annos, tanto em documentos particulares, como para marcar as epochas das suas solemnidades religiosas.

Todos os estados, que nasceram da monarchia de Alexandre, foram successivamente caindo nas mãos dos romanos. Nelles se introduziu portanto o calendario de Julio Cesar, como nas demais provincias do imperio: conservaram-se, todavia, as antigas denominações dos mezes, e o uso de começar o anno em 24 de Setembro. Este novo calendario tambem é conhecido pelo nome de *macedonico*. As medalhas antigas nos fazem, até, saber que, durante o dominio dos romanos, algumas provincias e cidades asiaticas conservaram o seu calendario particular a par do de Julio Cesar.

Tendo tocado nos dois calendarios de invenção grega, resta-nos fallar do romano antes de Cesar, que o reformou n'uma epocha que coincide quasi com a epocha em que principiamos a contar a era christã.

Romulo tinha achado entre os habitantes de Alba Longa um anno de 304 dias, dividido em 10 mezes, que tinham de 16 a 32 dias. Dividiu elle os 304 dias com mais egualdade pelos dez mezes, dando a um 30, e a outros 31 dias; e accrescentou dois mezes intercalares, um de 33, outro de 23 dias, o que fez crescer o anno a 360. Os dez mezes contavam-se pela ordem seguinte: *martius*, março, por ser dedicado ao deus Marte: *aprilis* [de *aperire* que significa abrir] abril, por ser neste mez que desabrocham as flores: *maius*, maio, em honra de Maia, mãe de Mercurio; *junius*, junho, em honra de Juno: os outros denominavam-se, segundo a ordem em que estavam, *quintilis*, *sextilis*, *september*, *october*, *november*, *december*; os dois mezes intercalares não tinham nome. Tal forma de anno, por muitos modos defectuosa, e que não era, nem solar nem lunar, foi mandada reformar por Numa. Este principe introduziu um anno lunar de 355 dias, repartido em 12 mezes. O primeiro mez chamou-se *januarius*, janeiro, em honra de Juno, e o ultimo *februarius*, fevereiro, do verbo *februlare*, purificar; porque neste mez o povo purificava com um sacrificio solemne. Os outros dez mezes conservaram a sua ordem e nome. No anno de 304 de Roma os decemviros collocaram o *februarius* immediatamente depois do *januarius*.

Para fazer concordar o seu anno com o curso do sol, Numa intercalava todos os dois annos um mez de 22 dias, e todos os quatro um de 23. Assim era

cyclo ía conforme com a *tetraétérís* dos athenienses; mas como o anno commum dos romanos tinha um dia mais do que o dos gregos, o cyclo romano contém 1465 dias, ou 4 mais do que o cyclo attico. O mez intercalado era denominado *mercedonius*, ou *mercednius*, e collocado entre fevereiro e março.

O cuidado de resolver quaes eram as intercalações necessarias, e de arranjar o calendario de cada anno, tocava ao collegio dos sacerdotes. Parece que esta gente não tinha conhecimentos nenhuns astronomicos. Por ignorancia, e até muitas vezes de proposito, pozeram a chronologia em grande confusão, estendendo e encurtando os annos a seu sabor, e segundo lhes convinha.

Julio Cesar poz fim a estas confusões. No seguinte artigo diremos o como nisso se houve.

ANTIGOS FOROS E COSTUMES DE PORTUGAL.

QUASI todos os nossos historiadores e chronistas [rarissimas são as excepções] se deram exclusivamente ao trabalho de escrever a historia dos principes e dos exercitos: paços e campos de batalha são os unicos logares por onde elles sabem andar: as noticias ácerca da maneira de existir do povo nós diferentes seculos da monarchia é cousa de que nada ou pouquissimo curaram. Deste desleixo, ou, diremos antes, ignorancia do verdadeiro fim e caracter da historia, nasceu o não possuirmos hoje dos annaes de Portugal senão a parte militar, e a consagrada ás acções dos reis; partes em verdade importantes, mas insufficientissimas para com ellas só se haver de compor uma acabada historia nacional.

Todavia em nossos tempos tem-se começado a fazer serias indagações sobre os usos, costumes, instituições, e usanças de nossos avós; emfim sobre todas aquellas cousas que podem servir de materiaes para a verdadeira historia — a dos progressos da civilização entre nós. Deste genero de trabalho devemos a maior e melhor parte á Academia Real das Sciencias, e mais de certo lhe deveriamos, se esta corporação não tivesse sido desajudada, menoscabada, e esquecida, por aquelles a quem cumpria anima-la, e incitar esses poucos homens grandes que nos restam a consagrarem os seus ultimos annos a desenterrarem do pó do esquecimento vivas e inteiras as gerações que passaram.

Entre os monumentos dos seculos antigos da monarchia, são os *foros e usos* de varias povoações do reino, porventura, os mais curiosos, e delles foram já publicados alguns pela Academia. Eram estes *foros* leis municipaes, que do principio da monarchia até o reinado de D. Afonso 2.^o foram as unicas que houve, e que continuaram ainda a ter vigor, não encontrando as leis geraes do reino. Foi então que os concelhos começaram a servir-se d'uma especie de ordenações particulares, em que lançavam primeiro o foral da terra, depois os *usos* até ahí não escriptos, e ás vezes apoz isto as leis geraes do reino, que podiam importar á boa administração da justiça dentro dos limites do concelho. Um dos mais notaveis entre os já publicados são os *foros e costumes* de Santarem, de que daremos aqui um extracto tirado daquelles artigos, que mais podem caracterisar essas epochas semi-barbaras.

Foros.

Se aquelle que travava uma briga era morto, e isto diante de *homens bons* [pessoas graves e principaes], o que o matava tinha que pagar um maravedim ao dono da casa, onde fôra a morte, e metade se o perturbador só ficava ferido. — Homicidio, ou violencia contra mulher, sendo o caso publicamente feito, pagava-se com 500 soldos!

Quem punha a outrem sujidade na boca [affronta grandissima, mas mui frequente nos primeiros tempos da monarchia] pagava 60 soldos.

Para se fazer cabal idéa da conta em que os primeiros portuguezes tinham os mouros seus escravos, pondo-os em valia abaixo de bestas de carga, é interessantissimo o artigo do foral que diz respeito ao pagamento da dizima: nelle se vê que a sua cathogoria, na escala dos animaes domesticos, era entre o burro e o porco. “Do cavallo ou da mula, que venderem ou comprarem homens de fóra, por mais de dez maravedins, deem um maravedim, e sendo por menos de dez, deem meio: da egua vendida ou comprada deem dois soldos: do burro e da burra, um soldo: do mouro ou da moura, um soldo meio maravedim: do porco ou do carneiro dois dinheiros: do bode ou da cabra um dinheiro &c.”

O clerigo gosava foro de cavalleiro: se o achavam commettendo actos torpes com uma mulher, podiam prende-la a ella; mas no clerigo, nem pôr-lhe a mão.

Costumes.

Nenhuma mulher que recebesse preço de *más manhas*, podia fazer cousa que fosse válida, *sem mandado de seu marido*.

Nenhuma mulher podia queixar-se de ter sido violentada dentro da villa, salvo se a mettessem em logar onde não podesse gritar; e nesse caso apenas saísse d'ahi devia vir chorando e bradando pelas ruas, e ir logo ter com a justiça, e dizer: “*Vêdes, o que me fez fulano?* — Se o caso era fóra da villa, devia vir todo o caminho chorando e gritando, e dizendo a todos os que encontrasse, quer fossem homens, quer mulheres: “*Vêdes o que me fez fulano?*” — e ir do mesmo modo queixar-se á justiça.

Quando qualquer mulher casada era condemnada a levar açoutes ou varadas, por ter brigado com outra, vinha o alvazil com ella a casa; punha um travesseiro no meio do chão, e começava a dar arrochadas em cima delle: o marido estava defronte com a mulher, e com outra vara ía repetindo nas costas della a mesma solfa, estando á vista a justiça e a queixosa. Se o marido não dava as varadas na mulher com a mesma ancia com que o alvazil batia no travesseiro, dava-lh'as a justiça nelle.

Entre outras significações que antigamente tinha a palavra *homicidio*, ou *omezio*, era a de rixa que ficava entre o assassino de qualquer homem e a familia deste, que por costume de muitas terras, e talvez geral, tinha direito de matar o matador, vendo-se este, portanto, obrigado a andar fugido ou escondido. Disto nos veio, segundo parece, a phrase vulgar de *andar homiziado*. Quando a familia do morto se compunha com o matador ou lhe perdoava, chamava-se a isso *fír omezio*, isto é, *acabar a rixa com o homiziado*. Pelos costumes de Santarem, a cerimonia que neste caso se usava era a seguinte: o criminoso punha-se de joelhos, e mettia o seu *cuitello* na mão do queixoso: então o outro lhe pegava na mão, erguia-o, e beijava-o, ficando d'alli ávante amigos. Isto se fazia perante *homens bons*.

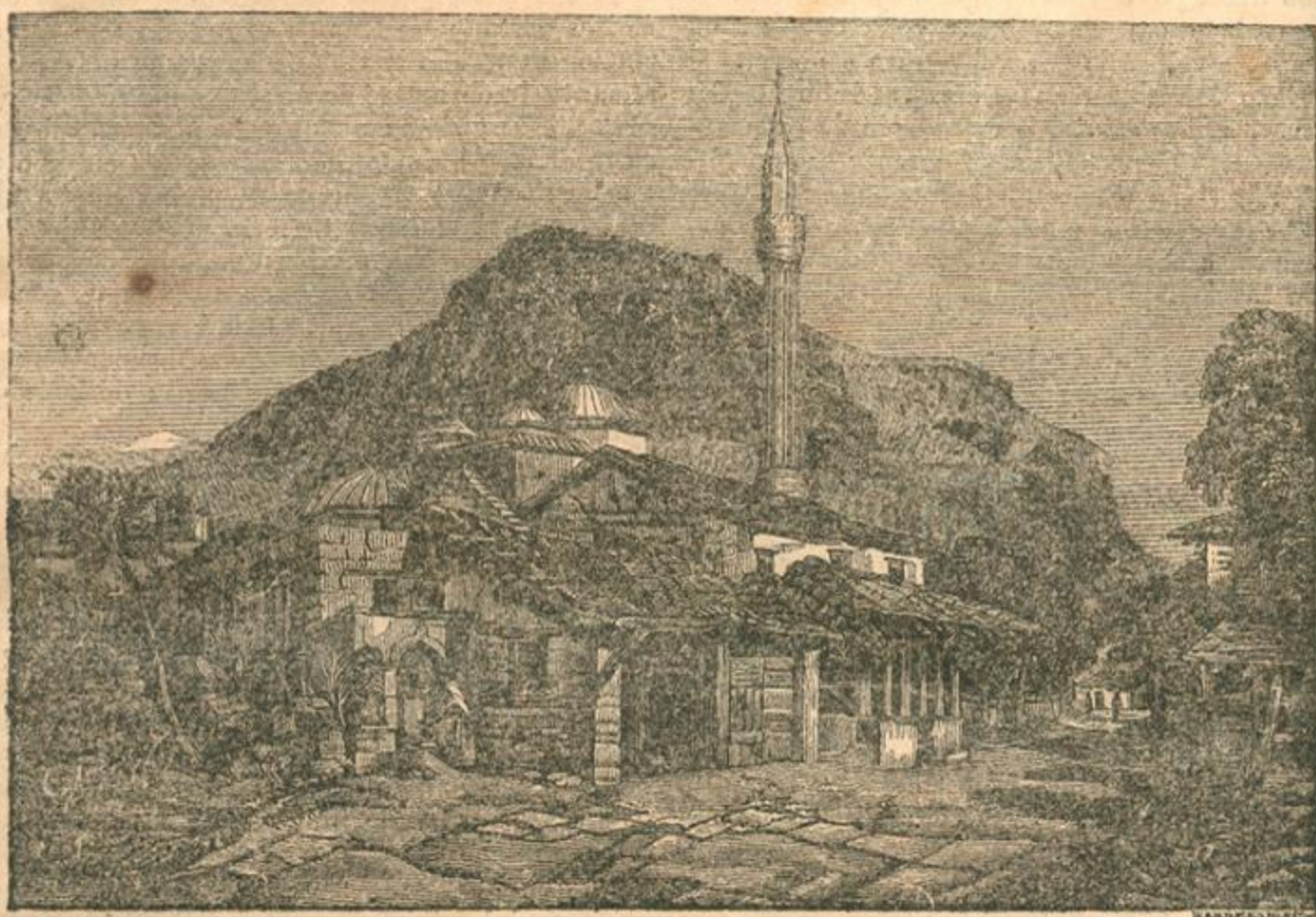
Quando os alvazis condemnavam um homem á morte, o alcaide servia de algoz.

Os filhos bastardos de *peão*, isto é, de homem não nobre, podiam ser reconhecidos, e nesse caso tinham na herança parte igual á dos filhos legitimos.

Se o sayom [beleguim] ía fazer alguma penhora a casa de cavalleiro, e lá o moíam com pancadas, mandava o costume da terra que ficasse com ellas, *sem coima*.

Se alguém dizia *paravoas devedadas* [palavras prohibidas] a alguma mulher honrada, era obrigado a

jurar-lhe diante de doze mulheres boas, ou doze homens bons, que nunca viu aquillo que della dissera, que mentira, e que soltara aquellas palavras com a sua paixão.



UMA VISTA DE CORINTHO.

MENTIDA, como todas as da orgulhosa Grecia antiga, era a tradição que attribuia a fundação de Corintho ás divindades e semi-nunes do paganismo. Qualquer, porém, que fosse a sua origem, esta cidade obteve grande incremento, e fez-se poderosa por suas riquezas e colonias; para o que muito contribuiu a sua situação no istmo, ou garganta, do Peloponeso [hoje a Moréa], favoravel ao commercio daquelles tempos. Mas esta mesma localidade foi a causa principal dos desastres que a arruinaram. No anno 146 antes da era christã o consul L. Mummius, por ordem expressa do senado romano, a saqueou e arrasou quasi completamente, transportando para Roma as mais excellentes pinturas e estatuas, o que concorreu para formar na Italia o gosto das Boas-Artes. Contudo, ainda deste estrago conseguiu levantar-se, restaurada cem annos depois por Julio Cesar, que a povoou de libertos, e lhe concedeu os privilegios de colonia romana. Achando-se porém na passagem de todos os conquistadores, do segundo seculo por diante começou a sua irreparavel ruina. Os herulos em 261, os hunos em 395, mais tarde os scytho-slavos, os generaes que a recuperaram das mãos dos barbaros, os venezianos, seus possuidores depois da tomada de Constantinopola, que ahí sustentaram dois cercos; todos successivamente a devastaram. Que admira pois se hoje o viajante, já no meio das poucas casas que se chamam Corintho, pergunta ainda onde está Corintho!

Os restos, que subsistem de seus esplendidos edificios e monumentos, são os fragmentos arruinados de um grande templo d'ordem dorica, provavelmente o specimen mais antigo que existe deste estylo de architectura. Os raros e quasi apagados vestigios, que em algumas partes permanecem, afadigam os antiquarios para lhes marcarem a origem e os destinos, apesar dos soccorros que ás suas lucubrações offerecem a

bem delineada topographia da cidade, que nos deixou Estrabão, e as cuidadosas descripções de Pausanias.

Jazia Corintho n'uma planicie encostada á ingreme e alta montanha, chamada Acro-Corintho, que servia de cidadella, e então ficava da parte de dentro das muralhas. Hoje a coroa deste monte é tambem fortificada, e serve de defensão ao lugar, e de asylo aos habitantes em occasiões de perigo, como aconteceu na ultima guerra da independencia; porquanto é de accesso difficillimo, podendo o extenso sinuoso caminho, que para lá conduz, ser battido em todos os seus rodeios pela artilharia da fortaleza. Nesse recinto está a *Pirene*, fonte tão celebrada dos poetas, e chrismada ao presente com o nome de *Fonte do Dragão*.

A povoação actual [que os gregos modernos denominam Gortho ou Cortho, por abbreviação, ou corruptela do antigo nome], consta de trezentas e setenta e sete casas, disseminadas em grupos no meio de campos de lavradio, e pelo caminho que vae á cidadella. Os intervallos são occupados a grandes distancias pelos corucheus das torres das mesquitas, que surgem como obeliscos, rodeados de cyprestes, emblema do lucto geral da outrora florescente Corintho. Espantoso silencio reina em as praças publicas, no porto, agora entulhado, e nos circos; e este quadro de devastação só muda de face na primavera, com o renascimento costumado da natureza. A povoação, retalhada pelos campos cubertos de searas, apresenta então o aspecto de muitos e grandes casaes cercados pelas respectivas fazendas. É esta a occasião em que o paiz offerece uma vista aprazivel.

As colonias mais celebres da antiga Corintho foram, Syracuse na Sicilia, e Corcyra, hoje Corfu. Quem desejar mais ampla noticia, ácerca desta cidade e do seu territorio, póde, além de outras, consul-

tar a recente e interessante obra do coronel Leake sobre a Moréa.

VIAGEM DO CAPITÃO BRAGG.

(Continuada de pag. 342.)

II.

Depois de nos havermos prevenido contra os rigores do inverno, divertimo-nos em andar á caga dos cães e bois marinhos, e dos ursos brancos. Estes ultimos, animaes ferozes, se junctavam em magotes sobre o gelo, que já então não formava mais do que uma só massa.

É o urso branco um animal cruel e perigoso, a quem se não dá rebate impunemente. Auxiliados por um luar mui claro, fomos caminhando pela borda da praia, e d'ahi a pouco os sentimos uivar, e nos emboscámos por detraz d'uns montes de gelo. Eramos oito: eu, Slapperwack capitão do navio, e Saunders nosso cirurgião, estavam armados de esmerilhões, e o restante da gente com chugos, arma que é de absoluta necessidade; porque como a balla não entra senão no peito do animal, se o erram ou apenas o ferem de leve, elle se arremessa furioso sobre o seu adversario, sem lhe dar tempo para carregar a espingarda.

Eu e Saunders disparámos na distancia de doze passos sobre um dos ursos, que se havia separado dos companheiros para vir ter comnosco. O animal sentindo-se ferido, tentou voltar-se rapidamente, e depois de soltar horrendos bramidos, deitou a fugir diante de nós, posto que a sua ferida fosse profunda; mas de repente, como quem mudára de resolução, voltou-se, e correu para nós, com a boca aberta e os olhos scintillantes de raiva. Fizeram-lhe frente os homens dos chugos, sobre as pontas dos quaes se arremeçou o urso, com tal impeto que os ferros lhe entraram muito pelo corpo dentro, e os homens foram lançados por terra pela violencia da pancada. Se o animal não tivesse ficado tão mal ferido, cara pagaríamos a nossa temeridade, mas temendo nós que os seus companheiros acudissem por elle, deixámo-lo alli, e tractámos d'evitar uma lucta, que apesar do soccorro das nossas armas, muito desigual seria.

Matámos, perto do nosso navio, um lobo marinho, cuja ossada deixámos para os ursos, depois de havermos aproveitado quanta carne pudémos. Veio com effeito uma urso, com os seus dois cachorrinhos, convidada do cheiro do animal morto, e começou a comer com voracidade; porém demo-lhes uma descarga geral que fez cair os dois ursosinhos mortos redondamente: a mãe ficou ferida, mas não de morte.

Não era possivel deixar de se compungir quem quer que visse o misero animal exprimir a sua dôr maternal juncto de seus filhos moribundos. Posto que penetrante fosse a sua ferida, e custando-lhe a arrastar-se até onde elles jaziam, arrancou um pedaço da carne do lobo marinho, e o foi pôr diante delles; vendo que não comiam, com as patas pegou em cada um delles por sua vez, acariciou-os, e tentou leva-los consigo, soltando aos ares sentidissimos gemidos. Por fim, desenganada do nenhum fructo do seu trabalho, arrastou-se até certa distancia, e depois parando e lançando os olhos para traz de si tornou a carpir-se; d'ahi voltou para o pé delles, farejou-os, e poz-se a lambe-los.

Segunda vez se poz de largo, e parando, volveu os olhos atraz, ficando quêda por alguns momentos, mas sem deixar de continuar os seus lamentos. Como visse que os filhinhos nunca se moviam, foi-se ter com elles, e com as patas pegou ora em um ora em outro, dando demonstrações de indizível ternura. Ultimamente certificada de que elles estavam frios e pri-

vados de vida, começou a reflectir sobre a causa daquela catastrophe, e virando a cabeça para onde nós estávamos, a vimos fazer-nos ameaças não equivoacas de vingança, porém no momento em que a despeito das suas feridas ella ía a lançar-se sobre nós, segunda descarga a estendeu entre os dois filhos, e expirou lambendo-lhes as feridas.

No mez de Dezembro nos morreram de frio dois cães, o que nos obrigou a recolhermos os outros em a nossa barraca. Facil é de formar idéa do que padeceríamos nestes mezes mais desabridos, em que não podíamos, sem perigo de vida, sair do alcapão. O ajuntamento de tantos homens e cães, e a inevitavel falta de accio, corromperam o ar que respirávamos, concorrendo grandemente para o tornar peor o fetido da podridão d'algumas carnes cruas, o cheiro do azeite, e o fumo dos candieiros e fogões. Além destes incommodos muitas vezes nos viamos obrigados a quebrar o gelo que nos entupia os tubos das chaminés, para darinos vasão ao fumo, que se isto não fizessemos infallivelmente nos suffocaria.

A nossa unica consolação consistia então em nos aquecermos ao lume, porque o frio é alli tão excessivo nos mezes de Janeiro, Fevereiro e Março, que não basta o calor animal para conservar a vida. Por fim estávamos tão tropeços, que muito nos custava a erguer das grosseiras camas em que nos conservávamos as tres quartas partes do tempo.

No principio de Dezembro caiu neve muitos dias a fio, e formou uma abóbada de trinta palmos por cima da nossa barraca, impossibilitando-nos, por isto, de abrir o alcapão. Grandissima foi a nossa consternação quando nos puzémos a reflectir que estávamos expostos a morrer abafados por falta de ar; a custo, porém, de trabalho indizível conseguimos abrrir um estreito respiradouro, por onde saía o fumo, e nos entrava o ar.

Ficámos assim sepultados debaixo da neve perto de quinze dias, sem termos maior possibilidade de sair da nossa barraca do que a que tinha Noé de abrir a arca durante o diluvio. Apesar de todas as precauções tomadas, tínhamos imminente o periggo d'uma inundação, porque, se, quando tamanha mole de gelo viesse a derreter-se, achasse a agua passagem pela mais pequena fenda, brevemente, e sem remissão, converteria em poço o nosso subterraneo.

No meio de tantos padecimentos e perigos nem um só de meus companheiros, honra lhes seja, sobitou o mais leve queixume.

O terror, que nos causava a probabilidade d'uma inundação propinqua, em breve o dissipou a mais tremenda tempestade que eu tenho visto. Em obra d'ele um momento, essa prodigiosa quantidade de neve, accumulada sobre nossas cabeças, desbaratou-a o vento, que arrebatava enormes porções de gelo, com tal impeto, que só as montanhas eram capazes de lhe resistir.

O roncar medonho desta tempestade, que vinha tocada de todos os ventos, era parecido com o d'uma trovoadá acompanhada de tufões; afigurava-se-nos que sentíamos bramir o oceano por cima de nossas cabeças, e tremer a terra por baixo de nossos pés; tremiamos a cada instante que algum furacão nos arrebatasse o tecto, deixando-nos desabrigados, como os passaros nos seus ninhos, no momento em que o ceifador corta a herva que os cubria.

Chegámo-nos a persuadir de que o nosso navio teria ficado feito pedaços, e que por conseguinte, perdida toda a esperanza de proseguirmos em nossos descobrimentos para a banda do norte, teríamos de voltar como passageiros a bordo d'algum baleeiro.

Este pensamento me deixou em tal desassocego,

que mal acalmou o vento, sem me lembrar do perigo, quiz ir ver a praia. O nosso alcapão estava tão bem calafetado com gelo que para o abrir tive de me valer de pés de cabras e de escopros. Saunders, e Douglas, saíram comigo. O frio era tão intenso que não nos atrevíamos a abrir a boca, e unicamente trazíamos os olhos expostos ao ar. Quanto nos rodeava estava sepultado em neve, de modo que nunca atinávamos com o que era mar, nem com o que era terra, se d'antes não tivéssemos vindo a estes lugares.

Fiquei horrorizado do que vi. As montanhas de gelo que erriçavam o oceano, e as grandes alturas de neve sobrepostas, derramadas pela superfície da terra, tinham grandíssima semelhança no aspecto geral, com a diferença, porém, de que as montanhas da ilha parecem mais obtusas e altas que as do oceano.

Depois de longas e fadigas buscas achámos o nosso navio, enterrado em neve, no mesmo sitio em que o deixáramos; mas o frio não consentiu que chegassemos ao pé d'elle.

A lua resplandecia então puríssima no silencio da noite; mas quasi que lhe offuscou o brilho a appareção subita d'uma dessas formosas illuminações da atmosphera, tão frequentes naquelles climas, e que, de alguma maneira, na ausencia do sol fazem as suas vezes. A aurora boreal, a que tambem chamam os fachos do norte, permite aos olhos o medirem a sublime immensidade dos ceus, quando a terra jaz transformada n'um deserto, que ninguem póde contemplar sem que se horrorise. Milhares de corpos luminosos, varios nas fórmas, e nas côres, scintillavam na abobada celeste, descrevendo em todas as direcções arcos magestosos.

Este phenomeno, superior a todos os do mesmo genero, nos deixou encantados: vimos, para parte do sul, immensa extensão do firmamento tincta em carmim vivissimo; parecia que toda a constellação d'Orion estava banhada em sangue. Esta luz, immovel ao principio, mudou em breve de logar e de côr; foi tomando graduações de azul e violeta, e converteu-se n'um docel que nos cubria, e do qual saíam para todos os lados uns arcos, que pareciam outras tantas sanefas, até que a final toda a abobada celeste ficou enfeitada com estes cortinados brilhantes donde manavam fontes d'ouro polido, e de luz, e por entre as quaes dardejavam as estrellas seus raios refulgentes.

As nossas almas estavam tão enlevadas em tão sublime espectáculo, tão absortas na contemplação desta maravilha, que não poderiam, ainda quando o quizessem, deixar de reconhecer nesta obra portentosa a mão do poderosissimo architecto do mundo. Estes fogos, se recolheram instantaneamente a um centro commum, parecendo-se com exhalações, e d'ahi esconderam-se de todo da banda do sudoeste do zenith.

A noticia de termos encontrado o navio bem conservado destruiu o geral receio, e reanimou alguns companheiros nossos.

O frio causava um effeito singular na verdade; quando o alcapão estava aberto, entrava o ar em a nossa barraca, e convertia os vapores humidos, de que estava cheia, em flocos de neve, que depois de andarem em redemoinhos nos caíam sobre as mezas e camas. Como crescesse o frio começaram os espeques e vigas a abrir fendas, e outros até a estalarem, entre continuos sustos da nossa parte; e não bastando ainda isto, o esteio principal da barraca rachou de alto abaixo, de sorte que nos vimos obrigados a cingi-lo de muitas voltas d'uma grossa corrente, previamente aquecida ao fogo para lhe podermos pegar.

Nesta epocha de frio excessivo, estava o thermometro de Réaumur a 37 gráus abaixo de zero, e o espirito de vinho, que comnosco tínhamos, perfeitamente coalhado. Quem então se atrevesse a sair da barraca cairia redondamente morto.

Tivemos d'empregar as maiores precauções para que as vasilhas que continham liquidos não rebentassem com o frio, e para termos agua nos vimos obrigados a derreter neve.

Festejámos o Natal sem faltarmos a formalidade alguma, porém não deixei de notar o nenhum entusiasmo dos meus companheiros.

Nestas regiões frias diminue a tal ponto o calor vital, que um homem póde beber uma canada de espirito misturada com egual porção de agua, e ficar tão senhor de si, como ficaria na Inglaterra o que bebesse a mesma quantidade de cerveja ordinaria.

Quando o frio não era tão insupportavel que nos obrigasse a estarmos chegados uns aos outros á roda dos fogões, escrevia eu a narração da minha viagem, sem omittir circumstancia nenhuma que podesse ser util aos meus semelhantes. Vi-me ás vezes obrigado a escrever parte do meu diario com um pincel, porque a tincta gelava-se na penna, sem que lhe eu podesse dar remedio.

No primeiro de Fevereiro fez um frio, o maior que sentimos, e que quasi nos deixou petrificados. Nesse dia não corria o menor vento, e querendo eu, como ás vezes costumava, que os cães passeassem, deitei-os fóra, ficando no alto da escada todo embrulhado em pelles. A lua não estava tão clara como era costume, mas os fogos septentrionaes eram brilhantissimos. Passados poucos instantes vi virem correndo para o alcapão todos os seis cães: quatro chegaram á porta meios mortos, e dois pararam de repente na carreira. Corri logo a elles, e achei-os gelados e mortos, na mesma attitude em que vinham correndo.

No mesmo momento caí eu n'um torpor lethargico, que apenas me deu tempo para entrar na barraca, onde Saunders, nosso cirurgião, me fez metter na cama, e me administrou um cordial que me tornou á vida. O thermometro indicava 40 gráus abaixo de zero.

No mez de Abril ainda o thermometro mostrava 30 gráus abaixo de zero; comtudo o rigor do frio tinha diminuido muito.

No mez de Maio, finalmente, vieram os primeiros raios do sol illuminar o horisonte. Só quem se viu como nós nos vimos é que póde fazer uma idéa das agradaveis sensações que experimentámos ao ver este astro magestoso tomar de novo posse dos ceus, e dissipar n'um instante as trévas que nos envolviam havia tanto tempo. Era esta a aurora do longo dia, que succedia a essa noite medonha, que nos pareceu dever durar eternidades; mas o sol ainda não tinha imperio nos gelos e neves, que se conservavam quaes d'antes.

Todavia o calor foi augmentando gradualmente; e por fim, derretendo-se a neve nos pontos elevados e expostos aos raios condensados do sol, começou a descobrir-se-nos a terra.

As aves que tantos mezes haviam estado ausentes destes climas, volveram a visita-los, e os grandissimos pedaços de gelo, que cubriam a face do oceano, principiaram a fermentar, e a estalar com pavoroso estrondo.

O augmento do calor, melhorando-nos a saúde, nos restituiu a antiga energia, e desde então começámos os preparativos da nossa grande empreza, que consistia em demandarmos as terras o mais visinhas ao polo que nos fosse possivel.

MESTRE GIL.

(Chronica do seculo 15.^o)

V

SETUBAL.

No verão do anno de 1484, foi elrei D. João residir em Setubal, terra em que muito folgava de habitar. Os populares da villa fizeram grandes festas, indo-o receber com tourinhas e guinolhas. Nenhum rei houve, por certo, mais estimado do povo; porque nenhum, nem antes nem depois, guerreou tanto os grandes, nem tanto favoreceu os pequenos. Ousado, e cioso do mando supremo, D. João 2.^o era semelhante ao furacão do deserto, que revolve e quebra os pinheiros e carvalhos da encosta, e agita apenas a herva rasteira, que cresce no fundo do valle. — Passaram-se, pois, aquelle dia e noite em folias e tangeres, com grande aprasimento d'elrei.

Mestre Gil, barbeiro da cõrte, tinha andado sempre com ella, desde que se acabara o lucto por D. Afonso 5.^o Era o mestre mui acceito a Antão de Faria, camareiro e valido d'elrei, e por isso todos o tractavam com cortezia: mui differente, todavia, de Oliveiros le Dain, barbeiro e privado de Luiz 11.^o de França, nunca havia trepado ao valimento de D. João 2.^o, nem a sua ambição punha a risca tão alto: contentava-se com ser bem olhado pelo camareiro, e por ventura isto o livrou de dançar na forca á maneira do rapador francez: tão certo é que os validos são como os repuxos: tamanho é o tombo, como a altura a que da terra subiram.

Mestre Gil déra, pois, com os ossos em Setubal. A tia Brazia Fernandez ficara em Evora; e elle, livre della, gosava da vida; da vida, que, segundo dizem os casados, se renova inteira [quando ha destas separações] para aquelles maridos, cujas carissimas consortes são meigas pelo theor da tia Brazia; isto é, affagam com bofetadas, sorriem com carrancas, pedem com berros, consolam com descomposturas, e acariciam com repellões e dentadas.

Achava-se mestre Gil á solta, e aproveitou a occasião: desoccupado e contente, tinha-se fartado de dormir, e já havia alguns dias que estava em Setubal quando saiu a ver as cousas notaveis da villa, e encaminhou os passos para a praia do esteiro, que recebe o tributo das aguas do Sado. A brisa do mar quebrava o ardor dos raios do sol, tão fervente em nossos climas meridionaes.

Fernão Martins Mascarenhas, capitão da guarda e dos ginetes d'elrei, passeava tambem por lá, á sombra de uns bastos arvoredos, que então por aquellas praias se estendiam. Viu-o mestre Gil, e fá direito a elle para travar conversação, quando chegou um bésteiro da guarda, e fallou ao ouvido de Fernão Martins. Este partiu immediatamente para o lado dos paços onde pousava D. João 2.^o

“Não se pôde ser morador da casa d'elrei, rosnou o barbeiro: não ha um momento de folga: Lá vai Fernão Martins, chamado á pressa; agora que elle talvez bem desejára conversar comigo um pedaço! — Mas, emfim, amanhã é a procissão de *corpus*: tudo anda em barafunda: depois de amanhã poderemos ao menos conversar com os amigos.”

Dicto isto mestre Gil deu volta para o interior da villa: chegou ao rocio, chamado de Jesus, correu a rua da Annunciada [hoje rua do Troino] e a travessa das amoreiras: estavam já as janellas cubertas de ricas tapeçarias de sedas, e as paredes forradas de razes de maravilhosas invensões e labores: n'uns estavam pintados varios cavalleiros com suas divisas e côres, e com letras por baixo que diziam; *Como o caval-*

leiro Auselom caiu em caso de traiçom contra seu pae o emperador David e o guerreou. — Mais adiante via-se Absalão preso pelos cabellos ao tronco de uma arvore, e por detraz delle um cavalleiro que o atravessava com uma lança, tendo por baixo a lenda: *Como o cavalleiro Auselom foi morto miseravelmente.* N'outros estavam bordados os desposorios da Virgem com S. José, e por cima lia-se em letras alemans maiusculas: *De como o bispo de Jerusalem deu a bençom de conjugal uniom á Virgem Maria.* Pegados com estes corriam outros razes, que forravam muitas moradas de casas, e em que se representavam diversos passos da *caroniqua* de Amadis de Gaula, e da do emperador *Vespasiano e de suas altas cavallarias.* — Mestre Gil andava embebido nestas pinturas, que eram os jornaes populares daquelles seculos, em que os factos historicos, sagrados e profanos, se misturavam e confundiam debaixo de uma unica fórma, a cavalleria. — As ruas pulverulentas, e ainda naquella epocha não calçadas, tinham sido limpas das immundicies de um anno, alli amontoadas, e estavam juncadas de espadanhas, de cannas verdes, de ramos de pinho, e de alecrim e rosmaninho. — Por algumas frestas e janellas, cujas adufas meio levantadas formavam como cubertos ao longo dos muros, viam-se as mulheres entretidas em dar ceradas nos pucaros e talhas d'Estremoz, que punham em boa ordem na cantareira, já de novo caiada, e com seus mandis ou cortinas listradas: outras acabavam de bordar suas gorgeiras mui alvas, lavradas de linha preta e vermelha, ou seus pannos brancos, para com donaire involucrerem as tranças mo dia seguinte. Nas lojas dos alfagemes, ou espadeiros, poliam-se e lustravam-se espadas; nas dos armeiros se douravam elmos, e se azulavam arnezes: não se viam nos balcões dos alfaiates senão calças de côres, talhasdas ao viez, cinctos de seda, gibões de pannos custosos, comprados na feira de Lamego, pelotes á guiza de Hespanha; emfim toda a casta de trajos louçãos e escusados. Ninguem supponha que os peralvilhos são de recente instituto; porque não ha ahí ordem monastica [onde as ha], nem fidalgo de casta goda e sangue azul, que possa disputar com os alindados acerca de antiguidade de instituição, ou de raça.

Mestre Gil andava como pasmado; não que este espectáculo fosse para elle novo, mas porque suppunha, como toda a gente, que a sua terra era a mais nobre povoação do mundo, e que, fóra d'Evora, não era humanamente possivel haver riquezas, louçainhas, e bom gosto. Enganava-se: Setubal era muito mais rica: o commercio florescia alli em summo gráu: cos seus habitantes, marinheiros activos, cubriam os mares com seus navios, que demandavam os portos de maús tracto no Mediterraneo, e no mar Oceano: alli foi que D. João 2.^o, mui inclinado ás cousas do mar, artilhou as primeiras caravellas, que em Portugal se viam armadas de bombardas. Emfim Setubal era naquella epocha uma das mais abastadas villas que no reino havia: e era isso que mestre Gil, que nada entendia de commercios, não podia comprehender.

Ao cair da noite o mestre se recolheu a sua pousada, que era no paço, e deitou-se. Os seus sonhos foram dourados, mas extravagantes, como as variadas scenas que vira durante o dia. *Auselom*, o bispo de Jerusalem, Vespasiano, o rei Garinter, Amadis, Lisuarte, Fernão Martins, cavalleiros, bésteiros, espingardeiros, donas, donzellas passavam diante dos olhos da sua alma, em diversas posturas, fazendo-lhe biocos, visagens e ademanes, ora de escarneo, ora de amizade: via festas, torneios, justas, momos, combates; e tudo isto o fazia rir, fallar, bracejar, gemer, e gritar no meio de seus mui roncados e assobiados sonhos, até que despertou, e esfregando os olhos viu que

era alto dia. — Ergueu-se á pressa; e ainda bem não tinha enfiado o pellote, sentiu levantar a aldrava: era um pagem que entrava, e que vinha chama-lo da parte de Antão de Faria.

O barbeiro pegou nas ferramentas do officio, e foi apoz o pagem, até o quarto do camareiro, que já o esperava sentado em uma ampla poltrona de couro, com sua chaparia dourada: o pagem saiu, e mestre Gil ficou a sós com o valido d'elrei.

Começou a barbea-lo, rebentando por fallar; mas Antão de Faria estava taciturno, e parecia involto em profundas meditações: para o tirar a terreiro, o barbeiro tossia, escarrava, largava a navalha para se assoar; mas o descortez valido fazia orelhas de mercador ao estrepitoso catarrho de mestre Gil, que em verdade não podia atinar com a causa da mudez de Antão de Faria, que para mestre Gil, e talvez só para elle, era o homem mais conversavel de todo o mundo.

Porfim não pôde conter-se: tossiu, e disse em voz pausada: “Maldita tosse!”

O valido volveu os olhos para elle, e como que acordando de um lethargo, exclamou: “Ah, sois vós mestre Gil!”

Custou muito ao barbeiro o não pregar uma gargalhada. “Ora esta!” disse lá consigo — O privado parece que perdeu o tino: nem sequer sentiu a navalha na cara! Pois ella não está das mais macias; que ha dias que não é affiada!”

E as provas sangrentas, de que a reflexão do barbeiro era exacta, estavam gravadas nas faces e queixos de Antão de Faria.

“Senhor sí; — proseguiu o barbeiro em voz alta — que a vosso mandado aqui vim exercitar meu officio.”

“Tendes razão... mas que novas, mestre Gil?”

“Nenhumas: salvo os grandes apparatus que por essa villa vão para a procissão. Á fé que nunca em minha vida vi primar tanto no dia de hoje em galas e louçainhas: de mais de trinta *corpus christus* me lembro, e de todos posso dar relação: o primeiro, era eu bem moço, em tempo do infante D. Pedr...”

“Mas dizei-me, mestre Gil; não ouvistes nenhum rumor por ahí, acerca de alguma cousa, que deva succeder hoje?”

“Nada: absolutamente, nada.”

“Não corre entre o povo que hoje querem os fidalgos dar morte a Sua Alteza que Deus guarde?”

O barbeiro largou a navalha no chão, e recuou obra de uma vara, cheio de indisivel horror.

Antão de Faria cravou nelle os olhos. “Não ouvistes dizer isto?”

“Juro por esta [aqui beijou os dedos indices d'ambas as mãos, encruzando-os sobre a boca]: juro por minha alma, que nada disso ouvi.”

“Dôr de reira os consuma!” gritou Antão de Faria, batendo o pé na casa, cheio de cholera. “Só sabem ir espalhar pelo povo aquillo que elle não deve saber, e o que convém se lhe revele, guardam-no muito bem guardado. Pois sabede, mestre Gil, que mui desvairado modo de conjuração tractaram os nobres contra a pessoa d'elrei, e que já por vezes toem tentado pô-lhe ferro ou mata-lo com peçonha, e que vendo até agora baldadas suas abominaveis traças resolveram acabar com elle no meio da procissão. Mas os traidores enganam-se! — Elrei irá; que os não teme. Um espingardeiro escondido em uma casa deve atirar a Sua Alteza, quando os fidalgos se abaixarem para apanharem seus bastões, que terão deixado cair no chão: é este o signal ajustado: mas quando elles se abaixarem elrei se abaixará também, e além disso o traidor espingardeiro já a esse tempo não estará neste mundo. Os fidalgos crerão que ficam seguros; mas daqui

a trez mezes o cabeça dos conjurados terá já descido ao inferno, e os outros o seguirão em breve.”

Antão de Faria pronnciava estas palavras com um furor comprimido, e o barbeiro immovel diante del-le o escutava com os olhos espantados, e a boca meia aberta. O valido proseguiu.

“Acabae de me rapar as barbas, e ide-vos. Podeis dizer a todos que hoje querem assassinar elrei; mas silencio! ácerca de quem vo-lo disse, e de estarem atalhados os intentos dos traidores: se vos apraz a luz do sol tende tento com a lingua.”

Mestre Gil continuou com a sua tarefa: tinha-lhe passado a vontade de fallar. Acabada a obra, despediu-se em voz submissa de Antão de Faria, e desceu para o seu aposento.

Dahi a duas horas corria em Setubal um sussurro vago, entre o povo, de que se queria tentar contra a vida d'elrei, no solemne auto da procissão de *corpus*. Ninguém sabia como este rumor se espalhára: porém mestre Gil tinha saído do paço, obra de tres horas antes de começar a festa!

[Continuar-se-ha].

SEMANARIO HISTORICO.

Annos
de
J. C.

Novembro 25

1510 — Affonso d'Albuquerque toma pela 2.^a vez a cidade de Goa.

26

329 — Constantino lança a primeira pedra nos fundamentos de Constantinopola, no logar onde existiam as ruinas da antiga Bysancio.

1688 — Morte do poeta Quinault, auctor de tragedias lyricas mui affamadas.

27

1637 — Fallece no mosteiro de Alcobaga o chronistamór Fr. Antonio Brandão, auctor da 3.^a e 4.^a partes da *Monarchia Lusitana*, e a que nos parece poderemos chamar o principe dos nossos historiadores.

1807 — Chega-se a Lisboa o exercito francez commandado por Junot, e sae para o Brasil a familia real portugueza.

28

1721 — É justigado Cartucho, o mais celebre ladrão que houve em França.

29

1780 — Morte da imperatriz d'Alemanha Maria Theresa, que soube sustentar-se no throno a despeito da Prussia e da Baviera.

30.

1166 — Toma Giraldo Sempavor a cidade de Evora aos mouros.

Dezembro 1

1575 — Fallece em Lisboa o Dr. Diogo de Payva de Andrade. Veja-se a pag. 14 do 1.^o volume.

1640 — Revolução em Lisboa contra os hespanhoes. É aclamado rei de Portugal o duque de Bragança.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.